

Os “projetos de morte” nas narrativas de agricultores do oeste do Rio Grande do Norte

Sarah Campelo Cruz Gois*

Sobre as narrativas e o poder das palavras

No presente artigo, discutirei a importância das narrativas construídas pelas comunidades camponesas de Apodi (RN) a partir de dois pontos específicos: a construção do Perímetro Irrigado Santa Cruz-Apodi (PISCA), apelidado de “Projeto da Morte” pelos camponeses; e a iniciativa de empreendimento agrícola de substituir o arroz vermelho, cultivo tradicional do Oeste Potiguar considerado um “empecilho” por parte dos empresários, pelo arroz branco. Nos dois casos, as narrativas construídas pelos agentes sociais contêm intenções políticas, mas no caso dos camponeses possuem caráter também de afirmar uma forma de viver e resistir, persistir em suas experiências e saberes. Narrativas estas que se constroem na defesa de um modo de vida e produção tradicional em comparação ao modelo capitalista; que afirmam saberes e conhecimentos nem sempre reconhecidos pela norma técnica. Portanto, antes de entrar no assunto principal, quero começar pela importância das narrativas.

Quando cheguei à casa de Dona Maria Vilma Moraes, ela me recebeu em seu quintal cercado por árvores frutíferas. A laranjeira foi a que me chamou mais atenção. Enquanto conversávamos, seu esposo cuidava da produção, separada do quintal por uma mureta. Uma das fundadoras da Associação de Moradores da Comunidade de Queimadas, Apodi, ela já estava acostumada a dar entrevistas para pesquisadores, logo nos primeiros minutos de gravação, ela disse: “Sempre

* Professora do Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN), Campus Apodi. Mestre em História Social e doutoranda pelo Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal do Ceará (PPGH/UFC). E-mail: sarahcampelo.g@gmail.com.

que aparece as pessoas assim querendo entrevista sempre me procura [risos], mas estou aqui para responder o que vocês me perguntam” (Maria Vilma Moraes, 2018). A atitude de Dona Vilma durante toda a nossa conversa evidenciava sua consciência sobre o papel que ela ocupava, tanto para dentro da comunidade, quanto para fora. Ela era uma narradora, contadora das histórias da comunidade, testemunha ocular, que participou das principais ações de Queimadas e através de sua fala ela revelava as dificuldades e conquistas da região. Como a professora Ecléa Bosi destaca em sua obra, *Lembrança dos Velhos*, a arte da narrativa não está presa aos livros, “seu veio épico é oral” (Bosi, 2015, p. 85).

Walter Benjamin (1987), em seu texto *O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*, coloca os narradores figurando entre os mestres e os sábios. Sabem aconselhar, como os mestres, mas não apenas em situações específicas. Eles dominam várias circunstâncias e recorrem às múltiplas experiências passadas de geração em geração, como os sábios. Para Benjamin, a narrativa:

[...] não está interessada em transmitir o ‘puro em si’ da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso. (Benjamin, 1987, p. 205).

Como destaca o filósofo alemão (Benjamin, 1987, p. 213), quem escuta uma história está em companhia do narrador; mesmo quem a lê partilha dessa companhia. Foi nessa partilha de narrativas que iniciei esta pesquisa colhendo relatos dos moradores das comunidades, compartilhando não apenas de suas memórias, como também de cafezinhos, pôr de sol, debates com os vizinhos e todo o envolvimento que entrar na casa e na vida de alguém pode proporcionar. Narrativa e escuta são participadas. Acredito na ideia da pesquisa como um compromisso afetivo, “construído ombro a ombro com os diversos sujeitos” (Bosi, 2015, p. 38), ou como diria ainda a professora Ecléa Bosi, “o narrador tira o que narra da própria experiência e a transforma em experiência dos que o escutam” (2015, p. 85).

Por isso mesmo que a oralidade guarda intrínsecas relações com a memória. Como afirma a historiadora Kênia Rios: “para os que participam do terreno da oralidade, uma história jamais é contada exatamente do mesmo jeito, então guardar na memória é recriá-la ao sabor das circunstâncias” (Rios, 2017. p. 28). Cada história conserva relações com tudo o que já foi vivido.

Dessa forma, para a realização deste trabalho utilizamos um conjunto de entrevistas colhidas a partir de 2016. Estas foram realizadas, inicialmente, através de dois projetos de extensão sobre a agricultura familiar e a história das comunidades rurais da região da Chapada. Posteriormente, outras entrevistas foram

realizadas a partir da mediação do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Apodi (STTRA), cujos membros ocupam papéis de grande destaque na construção desta pesquisa. Sobre o processo de transformação das fontes orais (entrevistas) em textos escritos, lanço mão das ideias defendidas no trabalho do historiador Alessandro Portelli, pois este destaca que:

A passagem da palavra do narrador para a fita magnética, para a transcrição como instrumento de trabalho provisório e, finalmente, para a transformação em texto publicado é comparável a uma série de representações, nas quais cada etapa constitui uma representação da anterior através de outro meio – do oral ao escrito, do pessoal ao público, do arquivo ao livro. É preciso ter em conta que cada uma dessas passagens implica escolhas e que a cada etapa alguma coisa fica de fora. Não se trata apenas da dimensão sonora da oralidade e da fita magnética (câmera filmadora), mas também da necessidade de fazer entrar aquilo que nos parece o essencial desses relatos no espaço de um livro que não afugente o leitor pelas dimensões. (2004, p. 13).

A professora Ecléa Bosi também contribui para o debate sobre as fontes orais. Como ela mesma diz, as entrevistas nos levam a “registrar a voz e, através dela, a vida e o pensamento” (2015, p. 37).

Essa relação das histórias com tudo que já foi vivido ficou evidente nas narrativas coletadas na cidade de Apodi. Ao serem entrevistados, os moradores das comunidades rurais do município narram uma história da qual já sabem o final. Eles selecionam o que deve ser dito, definem o ritmo e a forma de como irão contar. Fazem a leitura social do passado com as lentes do presente, com o juízo de saberem, grosso modo, o que já aconteceu.

A minha presença evocava nos entrevistados a necessidade de trazer à tona alguns temas específicos. Uns por acharem que seria o que eu queria ouvir, falavam muito sobre a importância dos estudos, sobre o fazer da política do sindicato e das associações; e outros por estar ainda latente o sentimento de revolta, falavam contra as transformações provocadas pela chegada de grandes empreendimentos agroexportadores. Eles falavam na defesa de seus modos de vida e saberes.

Apodi é uma cidade localizada no Oeste Potiguar. Sua zona rural é dividida em quatro regiões: Chapada, Areia, Pedras e Vale. Cada uma dessas regiões hoje enfrenta a chegada do agronegócio e da modernização agrícola de formas diferentes. Neste artigo, nos deteremos às regiões da Chapada, onde está chegando a grande maioria das empresas e onde estava prevista a construção do Perímetro Irrigado Santa Cruz-Apodi, e a região do Vale, local no qual houve o debate sobre a instalação da empresa agroexportadora de arroz branco. A zona rural tem uma

grande importância para o município, não apenas pela produção de alimentos, mas também pelo fato de quase 50% da população do município residir nessa região.

Os Projetos de Morte

Desde que cheguei a Apodi, ouvi a expressão “Projeto da Morte”. Foi assim que Francisco Ademar Neto, agricultor e trabalhador terceirizado do Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN), a primeira pessoa que entrevistei, se referiu ao Perímetro Irrigado Santa Cruz-Apodi, em 2014, durante sua fala em uma mesa realizada em um evento do campus (Gois, 2019). A obra do Perímetro Irrigado Santa Cruz-Apodi começou a ser colocada em prática entre o final de 2012 e o início de 2013, com a previsão de desapropriar mais de 13 mil hectares de terra. As obras do Perímetro não foram concluídas, hoje todo o canteiro está abandonado. Porém, o desvio no curso do rio prejudicou todo o abastecimento de água de algumas comunidades e as promessas em torno da obra levaram muitas empresas a se instalarem na Chapada mesmo sem o Perímetro.

Na grande maioria das falas que ouvi no STTRA, ou nas atividades nas associações de moradores, era dessa forma, “Projeto da Morte”, que muitos agricultores se referiam à construção das obras e a chegada das empresas. Segundo a advogada e pesquisadora Renata Maia (2016), pelo menos quatro empresas já podem ser identificadas no território mesmo sem a conclusão da obra: a) a EW Empreendimentos Agrícolas Limitada – empresa de pequeno porte em atividade desde 2003; b) a Angel Agrícola Limitada – empresa de pequeno porte em atividade desde 2006; c) a Agrícola Famosa Limitada – em atividade desde 2015; d) e a Bessa Produção e Distribuição de Frutas Limitada – Filial do tipo Sociedade Empresária Limitada e em atividade desde 2015.

Desde o início do século XXI, as obras destinadas à região de Apodi são colocadas como uma forma de retirar a cidade do atraso e inseri-la no modo de produção empresarial capitalista. A racionalização do uso da terra com técnicas modernas (pivôs centrais, agrotóxicos), a lógica empresarial capitalista e a mecanização da agricultura por meio da introdução de máquinas colocariam o Rio Grande do Norte no mercado do agronegócio. O saber técnico agrícola seria responsável pela produção industrial em Apodi, em contraposição ao modo de produção camponês. Para tanto, era necessário racionalizar a produção e colocá-la nas mãos das grandes empresas. Isso acontece de acordo com Jan Douwe Van der Ploeg, sociólogo holandês estudioso do campesinato e da produção agrícola, porque: “embora a unidade de produção camponesa esteja condicionada e seja afetada pelo contexto capitalista em que funciona, não é diretamente governada

por ele” (Ploeg, 2016, p. 9).

Dito isso, é importante ressaltar que a produção agroindustrial nunca será compatível com a forma de produção da agricultura familiar camponesa. Como ressalta Ploeg:

A propriedade camponesa não é estruturada como um empreendimento capitalista; não está fundamentada em uma reação capital-trabalho. O trabalho, dentro dela, não é assalariado. E o capital não é capital no sentido marxista. Na unidade camponesa o capital são as ferramentas disponíveis, as instalações, os animais e os estoques. (2016, p. 21).

Desse modo, a produção camponesa não é mobilizada pelo mercado de trabalho e geralmente se baseia na mão de obra familiar. Seus princípios são muito divergentes dos princípios que regem os empreendimentos capitalistas. A agricultura camponesa pode ser vista como a interação contínua e a transformação mútua entre pessoas e natureza (Ploeg, 2016, p. 59). E enquanto nas grandes propriedades há uma preocupação exacerbada com a maximização dos lucros, nas pequenas propriedades o foco é no produto líquido e na renda.

Nesse percurso pude conhecer Maria Vilma de Moraes, membro da Associação de Moradores de Queimadas; Francisco Ademar Neto, agricultor e funcionário terceirizado do IFRN; Antônia Maria de Souza Oliveira, agricultora e militante que não esconde sua insatisfação com os trabalhos domésticos; Ivone Brilhante, moradora da comunidade Sitio do Goes e membro do Sindicato; Agnaldo Fernandes e Edilson: representando duas gerações de participações políticas sindicais. Pessoas que me ajudaram a problematizar as questões, também levantadas por Antônio Torres Montenegro (1994), sobre o tempo histórico e o tempo vivido dentro do fazer do historiador. É importante ressaltar, como destaca o teórico, que “as mudanças na memória tornam o campo da história oral extremamente fugidio” (Montenegro, 1994, p. 24). E a forma da narrativa também se constitui como um dos elementos a ser analisado durante a construção da fonte documental oral.

Durante as entrevistas dos moradores da região da Chapada, eu esperava que o termo “Projeto da Morte” surgisse para só depois perguntar sobre ele. Agronegócio, empresas, veneno, Projeto da Morte ou apenas Projeto, assim que normalmente eram marcadas nas narrativas dos entrevistados a oposição entre seus modos de vida e produção e o que vinha de fora (o Perímetro Irrigado Santa Cruz-Apodi e as empresas de fruticultura irrigada). Sempre (nas entrevistas que realizei) associados à imagem da morte:

Porque é veneno, é uma coisa que mata que acaba que destrói. E o

agronegócio é isso. A palavra certa para o agronegócio é o veneno, porque ele mata, ele acaba ele destrói com tudo. (Ivone Brilhante, 2017).

A conversa é essa que os projetos têm, mas o índice de doença tem, e vai continuar. Nós num pense que nós vamos gozar muita saúde daqui pra frente não, porque nós não temos como gozar mais saúde não. (Antônio Rodrigo do Rosário, 2018).

Mas na verdade, o agronegócio quando chega é a morte mesmo dos agricultores. (Francisco Edilson Neto, 2017).

Após o golpe de 2016, muitas obras vinculadas ao Plano de Aceleração do Crescimento (PAC) – como era o caso do Perímetro Irrigado – foram interrompidas. E embora as obras tenham sido suspensas, as empresas não deixaram de serem atraídas para a região. Para os agricultores entrevistados, o “Projeto da Morte” não era apenas a obra em si, mas um plano mais amplo de capitalização da região através da chegada das empresas do agronegócio. Muitas empresas foram atraídas para a região, em virtude da abundância de águas subterrâneas do Aquífero Jandaíra¹ e essa nova dinâmica se chocou diretamente com o modo de vida camponês. Como Dona Antonia Maria de Souza Oliveira (Antonieta), bem explicou:

O Perímetro, porque ali foi uma surpresa. Nós estávamos tudo achando que o [projeto] da morte, o da morte maior ia ser esse. E deixa que por trás, os grandes, as grandes empresas, esses grandes políticos que acabam sendo. [...] Por isso que a gente especificava dizer da morte né, das empresas. (Antônia Maria de Souza Oliveira, Outubro de 2017).

Nesse percurso, fiquei por muito tempo tentando descobrir se alguém havia caracterizado o projeto daquela forma ou se, de forma espontânea, os próprios moradores da região da Chapada haviam escolhido aquele termo para se referirem ao projeto. Em outubro de 2017, entrevistei Francisco Edilson Neto, ex-diretor do STTRA, morador da comunidade de Água Fria, na região do Vale, e quando perguntei sobre as transformações na região da Chapada, ele me disse:

¹ De acordo com a caracterização do Instituto de Defesa do Meio Ambiente (IDEMA, 2008), a porção mais ao norte do município [região da Chapada] “é caracterizada por rochas do tipo calcário sedimentar, folhelhos a argilitos da Formação Jandaíra, de Idade do Cretáceo Superior, 80 milhões de anos, formando solos menos espessos e mais argilosos” (p. 9). O aquífero Jandaíra e o aquífero Açú compõe a bacia Potiguar de águas subterrâneas. O aquífero Jandaíra ocorre numa superfície total de 17.756 km² e sua preservação é hoje uma das grandes bandeiras de luta das comunidades rurais de Apodi.

Ai de repente chega o projeto, que eu denominei o ‘Projeto da Morte’, que é o projeto da morte mesmo, porque na verdade, só em ele se instalar já foi os impactos que causou. Imagina se ele tivesse tido sucesso? Ai esse projeto a gente não tem dúvida que foi pra atrair as empresas do agronegócio pra cá. É tanto que todas as empresas que acabaram com a terra do Maranhão estão aqui, que acabaram com a terra de Limoeiro estão aqui, que acabaram com o coisa [sic]. É isso Autor o Ceará abriu já o olho da gente, principalmente Lagoa dos Cavalos, lá em Russas, ai que eu tive a felicidade de conhecer Lagoa dos Cavalos com Casa de Sementes, com uma diversidade muito grande, e fiquei muito triste no ultimo dia que eu fui lá, não tinha mais nada disso. E assim a gente começou a fazer esse debate, e começou vendo que era necessário a gente se contrapor a isso. Mas na verdade, o agronegócio quando chega é a morte mesmo dos agricultores, porque eles conseguiram logo nos dividir. (Francisco Edilson Neto, 2017).

Nesse trecho Edilson afirma que ele quem denominou o projeto dessa forma depois de visitar algumas regiões impactadas pela construção de outros Perímetros Irrigados. Ele está se referindo a uma série de vivências (Pontes, 2012) que foram realizadas entre os agricultores de comunidades do Rio Grande do Norte e do Ceará. A partir de 2011 são realizados vários intercâmbios entre agricultores e agricultoras da porção potiguar com os da porção cearense da Chapada do Apodi.

A entrevista de Edilson foi dividida em dois momentos. Primeiro numa sala do Sindicato, depois de um Fórum da Agricultura Familiar² (de forma mais apressada) e depois na propriedade em que ele produz (ele aluga algumas terras vizinhas para realizar sua produção e criação), durante a colheita do arroz, de forma bem mais tranquila.

Edilson é o mais velho dos nove irmãos e desde criança começou a trabalhar com o pai na agricultura. Sua participação política começou junto às Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), (Bezerra, 2014) e posteriormente junto à Comissão Pastoral da Terra (CPT). Em nossa conversa, ele vai dizer que não imaginava ter tanto protagonismo na região pelo fato de não ter estudo. Porém, ele ouvia que, com o trabalho de base da Igreja, a população afirmava: “a gente entendeu que mesmo você não sendo doutor, mesmo você num sabendo ler, você era capaz de fazer alguma coisa para o seu irmão” (Francisco Edilson Neto, 2017).

A fala apresentada por Edilson entra em concordância com a reflexão do historiador Montenegro sobre os processos de lutas das populações mais pobres.

² Uma reunião realizada mensalmente (ou a cada dois meses, a depender da quantidade de demandas) na sede do sindicato para o repasse das demandas debatidas nas reuniões das associações das comunidades.

Ele destaca que “a fala é um instrumento decisivo para as populações pobres, que vivem a radicalidade cotidiana do ‘não ter’” (1994, p. 38). Nesse sentido, mesmo na ausência do estudo formal, existem outras formas de saber que podem ser apreendidas através da experiência. E a fala está muito associada aos processos de resistências e denúncias. Para ele,

Aprender, apreender, apropriar-se de um saber que estabelece direitos: a capacidade de articular o ato de pensar a fala, desenvolvendo argumentos em torno de um saber que muitas vezes é cerceado às camadas populares, exige um longo processo de socialização. [...] Aprender a discutir, a defender uma idéia, a ouvir outras idéias, a inventar argumentos na defesa do seu ponto de vista, dar sua opinião é um caminho a ser trilhado. (1994, p. 38).

Foi assim falando e articulando argumentos, bem como escutando de forma intencional e consciente, que Edilson construiu juntamente com o Sindicato, com outros agricultores e entidades e com a participação da universidade o mote: Projeto da Morte.³ Em contraposição à vida que eles almejavam ter, aquilo que viria para roubar-lhes a suas vidas, logo, seria de morte.

O Empecilho do Arroz

O município de Apodi é atualmente um dos maiores produtores agrícolas do Rio Grande do Norte. Responsável por quase a totalidade da produção de arroz do estado, produziu 3.300 toneladas em 2014 de um total de 3.910 no estado, ou, seja, 84,4%. É na região do Vale que se concentra a maior produção do arroz vermelho. Sua forma de cultivo é por inundação.

O manejo da água é de fundamental importância para o sucesso na produção de arroz irrigado por inundação. Durante todo ciclo produtivo deve-se

³ Em 2012, após a assinatura da ordem de serviço para o início das obras do PISCA, é construído o dossiê denuncia: Projeto da Morte. O documento é uma coletânea das principais irregularidades encontradas no projeto direcionado ao Ministério Público Federal (MPF). Assinam esse dossiê A Rede Nacional de Advogadas e Advogados Populares dos estados do Rio Grande do Norte e do Ceará (RENAP/RN-CE), Comissão Pastoral da Terra, Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Apodi/RN, Via Campesina, O Grupo de Estudos em Direito Crítico, Marxismo e América Latina (GEDIC), Projeto Ser-tão, Coopervida, Federação dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares do Estado do Rio Grande do Norte (FETARN), Centro Feminista 8 de março, Centro Terra Viva, Rede Parda, ASA-Potiguar, Fórum da Agricultura Familiar de Apodi, Associação dos Pequenos Produtores da Agrovia Palmares, Escritório Popular, Centro de Referência em Direitos Humanos-UFRN, Pastoral Operária/RN, Mire, Grito dos excluídos/as.

manter uma lâmina de água que irá garantir a qualidade e os nutrientes do arroz produzido. Por isso, para esse tipo de cultura é importante solos baixos e com boa penetração de água. Toda essa explicação sobre o cultivo do arroz vermelho me foi dada por Edilson, durante o segundo momento de nossa conversa. Como era cada vez mais difícil nos encontrarmos com calma na sede da cidade, fui ao seu encontro na comunidade Santa Rosa, no Vale.

Ao ver o sistema de cultivo de irrigação por inundação e todo aquele solo encharcado eu perguntei: “A produção de arroz vermelho leva muita água?” Ao que Edilson logo me respondeu:

Leva e não leva né, porque na verdade o IGARN [Instituto de Gestão das Águas do Rio Grande do Norte] diz que o problema é porque que a gente planta inundado. Aí a gente perguntou ao IGARN, e porque que, como era que plantava arroz sem ser inundado. Porque lá faz os baldes, aí você enche com o motor né. Só que é diferente da água que a fruticultura faz, porque a fruticultura exporta, a água vai lá pra Europa e ela desce no solo, e volta de novo para o pessoal irrigar. É um solo argiloso, é bem é muito barro né e ele é lodo e desce e depois volta, vai lá pra o subsolo. (Francisco Edilson Neto, 2017).

Há no início da resposta de Edilson uma afirmação e uma negação. De fato, a cultura do arroz vermelho inundado consome muita água. Entretanto, essa água retorna ao solo, diferentemente do que ocorre com as culturas irrigadas das empresas da fruticultura irrigada que exportam essa água dentro das frutas. melão e melancia, por exemplo, também consomem muita água em sua produção, a diferença é que essa água é exportada e não retorna para o solo.

Se analisarmos os dados da Produção Agrícola Municipal (PAM), disponibilizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), sobre Apodi, é possível perceber que, a partir de 2016 (ano da chegada de muitas empresas do agronegócio) há um aumento vertiginoso na produção de melão e melancia. Vemos que, tanto na área destinada ao plantio dessas frutas, quanto na quantidade produzida delas (em toneladas), há um crescimento próximo de 10 vezes se comparado aos anos anteriores e usando como referência o ano de 2010.

Entretanto, ainda antes de 2016, a produção do arroz vermelho já gerava debates na região. Em 2006, a empresa RiceTec Sementes⁴ visitou Apodi com a intenção de estudar a instalação de uma unidade da empresa no município. A

⁴ De acordo com seu site: A RiceTec surgiu em 1990 no Sul do Texas, Estados Unidos. Nessa época, além de produzir arroz em sua fazenda, a empresa desenvolvia tecnologia para melhorar geneticamente suas diferentes especialidades de arroz. Os primeiros cruzamentos que levaram à criação de arroz híbrido

empresa pretendia arrendar a terra dos pequenos produtores para cultivar arroz tipo 1 para exportação, sobre esse evento Edilson destacou:

[...] a nossa luta começou chegou uma empresa Ricetec, uma empresa do Rio Grande do Sul, querendo exterminar o arroz vermelho. A gente tava no sindicato já nessa época. E querendo comprar todas as terras do Vale né, pra produzir arroz branco e disse que o nosso arroz vermelho era uma praga, que era a nossa primeira luta. Ai começamos a dizer que o arroz vermelho não era uma praga em nossa vida e ai foi o primeiro embate. (Francisco Edilson Neto, 2017).

Quando perguntei sobre a data desses acontecimentos, Edilson não soube dizer a data exata. Mas me falou sobre um recorte de jornal que continha mais informações: “Esse, eu acho que já foi em 2000, 2000 e pouco por aqui, e se você pegar o recorte de jornal aqui você ver direitinho” (Francisco Edilson Neto, 2017). Foi assim que tive acesso ao recorte do jornal *O mossoroense*, com reportagem abaixo:



Figura 1 – O Empecilho do Arroz
Fonte: Acervo STTRA

ocorreram entre 1985 e 1993, depois de contrato assinado com o HHRRC (Centro de Pesquisa de Arroz Híbrido de Hunan), na China, para o desenvolvimento de arroz híbrido. Mostrando pioneirismo, em 1999 a RiceTec lançou o primeiro híbrido comercial nos Estados Unidos. Hoje os híbridos RiceTec Inc. cobrem uma área de 370 mil hectares no país. Em 2000, a empresa investiu na abertura de novos mercados e iniciou as operações na América Latina, na Argentina, no Brasil e no Uruguai, onde atua há quase 11 anos. Na Argentina, além do trabalho de pesquisa e desenvolvimento de híbridos, a empresa possui campos de produção e uma moderna planta de beneficiamento de sementes. Além desses países, a RiceTec já se faz presente em mercados da Europa, da Ásia, da Região Andina e da América Central. No Mercosul, desde que iniciou suas vendas comerciais em 2004, apresenta média de crescimento de 52% ao ano. Disponível em: <<http://ricetec-sa.com/quem-somos/ricetec-no-mundo>>. Acesso em: 3 dez. 2020.

Apodi - A falta de assistência técnica especializada e a falta de logística, decorrência da falta de atuação dos poderes públicos constituídos, pode fazer os agricultores do Vale do Apodi perder uma grande contrato (sic) de produção que poderia ser o primeiro passo para a reordenação produtora daquela área. A inviabilidade técnica da área ocorre devido à produção do arroz vermelho, conhecido também como arroz da terra, cultura comum nas áreas d produção do baixo Apodi e que está constantemente presente na mesa dos cidadãos da região Oeste. O que para muitos é mais uma diversidade culinária, para a Empresa RiceTec Sementes é uma praga que inviabiliza qualquer probabilidade de produção visto que as áreas onde são cultivados esses tipos de grão não servem para produção de sementes selecionadas, sendo necessário um espaço de pelo menos vinte anos para isso. A convite do Fórum das Entidades, através da Fundação para o Desenvolvimento do Vale do Apodi (FUNDEVAP), representantes da empresa RiceTec Sementes, estiveram visitando o município na ultima sexta feira, com interesse de conhecer a região objetivando a instalação de uma unidade da empresa no município. O interesse pelo Vale do Apodi, parte do principio das condições climáticas, solo de aluvião, água e maior facilidade para escoar a produção. No momento a empresa está produzindo sementes híbridas no Estado de Roraima e no Estado do Rio Grande do Sul. Uma comitiva do Fórum acompanhou os representantes da empresa, coordenador de produção Dácio Menezes e o argentino, diretor para a América latina Jorge Krapovisca, ao Vale do Apodi, para mostrar as potencialidades existentes. Durante a visita foi realizada uma reunião na quadra de Batista da Castanhola, na localidade de Trapiá I, onde contou com a presença de vários agricultores e produtores locais interessados em ouvir as propostas da multinacional. Na ocasião Dácio Menezes apresentou a empresa e mostrou as possíveis parcerias que podem ser viabilizadas com os agricultores produtores de arroz. Segundo ele, a empresa tem uma política de parceria com os produtores, dependendo da situação de cada um, que possibilita a geração de emprego e renda sem percas (sic) para ambas as parte (sic). Ele citou exemplos dos sistemas utilizados no Estado de Roraima que caminha para o sucesso. O coordenador apresentou ainda a política de preservação do meio ambiente seguida pela RiceTec, que trabalha dentro dos limites exigidos pelo Ministério da Agricultura e órgãos governamentais ligados a essa questão. Depois da visita, os representantes da RiceTec elogiaram a potencialidade da região Enfocando requisitos procurados pela empresa como água, solo de aluvião, energia e estradas para escoar a produção, que atendem perfeitamente os termos técnicos. Para os agricultores a discussão pode desencadear em uma larga parceria

com possibilidade de melhorar a situação dos pequenos produtores de arroz, visto a falta de políticas públicas para esse seguimento da economia que deixa os agricultores praticamente abandonados e sem assistência técnica adequada. Com o relato de Dácio, percebeu-se a decepção dos agricultores presente (sic) a reunião. Muitos estavam com a esperança de melhores condições de produção já que a grande maioria dos produtores de arroz do vale está mudando de cultura por não conseguir competitividade com o produto devido à maneira arcaica como é produzido. A empresa RiceTec Sementes, produz sementes híbridas de arroz para o mercado internacional, especialmente para o Brasil, Argentina e Uruguai tendo a única no mundo a produzir esse tipo de sementes.⁵

A matéria que inicia chamando o arroz vermelho de empecilho repete o discurso dos executivos da empresa que afirmaram não ser possível o plantio das duas culturas simultaneamente. A reportagem inicia destacando a grande oportunidade que seria a reordenação produtora da região. E encerra afirmando que as técnicas de produção do arroz vermelho são arcaicas e, por isso, pouco competitivas para o mercado.

Durante a visita, ocorreu uma reunião com os agricultores na comunidade Trapιά I, na região do Vale. Lá, os agricultores foram orientados que, para que a empresa pudesse introduzir sua variedade (transgênica) de grão, a cultura do arroz vermelho deveria ser eliminada. Segundo a reportagem, as áreas em que são cultivados os grãos do arroz vermelho não servem para o cultivo das sementes selecionadas. Na perspectiva da empresa, o arroz vermelho era uma “praga” que impediria que qualquer outro vingasse como ele num espaço de pelo menos 20 anos.

Ao final da reunião entre agricultores e empresários, o texto da reportagem destaca que após a fala de Dácio Menezes, coordenador de produção, houve um sentimento de decepção entre os produtores:

Com o relato de Dácio, percebeu-se a decepção dos agricultores presente (sic) a reunião. Muitos estavam com a esperança de melhores condições de produção já que a grande maioria dos produtores de arroz do vale está mudando de cultura por não conseguir competitividade com o produto devido à maneira arcaica como é produzido. (Transcrição do texto da Figura 1).

⁵ A reportagem é do ano de 2006. Infelizmente não consegui achar o jornal completo, por isso para essa análise usei apenas o recorte pertencente ao acervo do STTRA. Há uma citação desse recorte na dissertação da advogada e pesquisadora Renata Catarina Maia, mas o link presente na bibliografia estava corrompido. Por esse motivo fiz a transcrição do texto da reportagem logo abaixo da imagem.

Em todo o texto da matéria é ressaltada a grande oportunidade que seria a instalação da empresa. Se os problemas na competitividade e produção do arroz seriam provocados por falta de assistência técnica e modos de produção arcaicos, a fala do coordenador de produção da empresa deveria gerar esperança e não decepção. De acordo com o relato de Edilson, a insatisfação entre os agricultores foi provocada pelo fato de ele ter se referido ao arroz vermelho como praga. Essa fala teria sido considerada um desrespeito pelos produtores que não estavam dispostos a abrir mão de sua cultura tradicional. Os contratos de arrendamento não foram aceitos e por isso a matéria identifica o arroz vermelho como empecilho.

A empresa de fato nunca chegou a se instalar na região. O plano da empresa era arrendar as terras e centralizar a produção das pequenas propriedades. A organização fundiária do Vale, formada por pequenas propriedades, dificulta que uma empresa de grande porte consiga comprar lotes de terras enormes de uma só vez. Essa é uma das diferenças entre as regiões do Vale e da Chapada. Enquanto a Chapada tem uma estrutura fundiária formada por latifúndios, na região do Vale:

[...] os maiores proprietários não chega a 50 hectares, e a gente não tem 3 propriedades que chegam a 50 hectares, as outras é 3, 4. É um modelo que fica de pai pra filho, e eles não conseguiram, aí derrotamos essa empresa. (Francisco Edilson Neto, 2017).

O que é abordado como uma grande lástima pelo texto do jornal, o atraso das técnicas e a cultura desenvolvida, é vista por Edilson como conquista e resistência. Sobre esse episódio, Agnaldo Fernandes, atual diretor do STTRA e morador da comunidade de Bamburral, também no Vale, faz uma comparação com a resistência à chegada das obras do Perímetro Irrigado:

Assim que começou a resistência ao perímetro irrigado, o pessoal, a mesma forma foi com a Ricetec que queria acabar com o arroz vermelho aqui. Toda vida que o agricultor familiar faz essa resistência a megaprojetos, seja de irrigação ou essa questão da apropriação do arroz que queria acabar com o nosso arroz vermelho. Toda vida que o agricultor se posiciona resistente existe um público que diz que, os taxam, que é favorável a esses projetos, nos taxam como analfabetos, como atrasados, que a gente num sabe de nada. (Francisco Agnaldo de Oliveira Fernandes, 2017).

Na reportagem, o arroz vermelho e o agricultor são representados como empecilhos para a modernização e o progresso do campo. A variedade de arroz branco só poderia chegar ao território se isso também representasse o fim da cultura do arroz vermelho. Um debate em consonância com aquilo que a

ativista e pesquisadora indiana, Vandana Shiva, chamou de monoculturas da mente. Do mesmo modo que as monoculturas agrícolas são incompatíveis com a biodiversidade natural, esse conhecimento técnico dominante subjuga os vários saberes locais. Para ela:

Desse modo, o saber científico dominante cria uma monocultura mental ao fazer desaparecer o espaço das alternativas locais, de forma muito semelhante a das monoculturas de variedades de plantas importadas, o que leva a substituição da diversidade local. O saber dominante também destrói as próprias condições para a existência de alternativas, de forma muito semelhante à introdução de monoculturas, que destroem as próprias condições de existência de diversas espécies. (2003, p. 25).

O arroz vermelho tem um alto valor no mercado, mas, mesmo assim, tudo em seu processo produtivo é considerado arcaico. É comum a representação da agricultura no Brasil associada às grandes propriedades monocultoras com imponente maquinário tecnológico. Como destaca Motta e Zarth (2009) essa visão de produção é fruto de uma "amnésia social" e tenta negar a importância dos pequenos agricultores. Nesse sentido constroem-se os binômios que associam latifúndio (modernização e riqueza) versus minifúndio (atraso e pobreza), com análises que levam em conta apenas elementos econômicos. Como destaca Alfredo Wagner Berno de Almeida, na coleção História Social do Campesinato:

As análises econômicas, ao se omitirem na interpretação das modalidades de uso comum da terra, fundam-se, no mais das vezes, em noções deterministas para expor o que classificam como sua absoluta irrelevância. Consideram que se trata de formas atrasadas, inexoravelmente condenadas ao desaparecimento, ou meros vestígios do passado, puramente medievais, que continuam a recair sobre os camponeses, subjugando-os. (Almeida, 2009, p. 41).

A Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) aponta a existência de duas variedades locais selecionadas pelos agricultores familiares no Vale do Apodi. Uma cultura tradicional e com características específicas, que segundo a EMBRAPA são originárias ainda das primeiras introduções do cultivo:

As variedades de arroz vermelho plantadas atualmente no Brasil são derivadas das primeiras introduções feitas ainda no início da colonização e foram selecionadas ao longo do tempo pelos próprios agricultores. Constituem, portanto, o resultado de transformações ocorridas na natureza,

devido a cruzamentos naturais e a mutações, e dessa forma são variedades que adquiriram características únicas em cada microrregião geográfica onde passaram a ser cultivadas. Devem, assim, ser provenientes de poucas introduções feitas no passado distante e ter originado formas interessantes que se perderam em função do processo erosivo. (EMBRAPA, 2014, p. 24).

O arroz vermelho foi o primeiro a ser introduzido no Brasil e do ponto de vista da qualidade do alimento ele passa longe de ser uma praga. Segundo o mesmo documento da EMBRAPA, o arroz vermelho cultivado chega a conter o dobro dos teores de ferro e de zinco normalmente encontrados no arroz branco (2014, p. 12). Além disso, seus grãos em casca são mais resistentes aos insetos-praga dos grãos armazenados do que os do arroz branco (2014, p. 16). Ainda assim, o arroz vermelho enfrenta uma queda de produção em todo o território nacional e seu cultivo está bastante relacionado a elementos culturais locais:

Em todas essas áreas, a preferência pelo arroz vermelho está relacionada ao hábito alimentar das populações, mas o referido arroz, a exemplo do que se verificou nas outras partes do mundo, vem experimentando um declínio acentuado na sua área plantada e, certamente, um acelerado processo de erosão genética. Tais fatos podem ser atribuídos à migração das populações rurais para os centros urbanos, à mudança de hábitos dos consumidores e à forte concorrência com o arroz branco. (Embrapa, 2014, p. 23).

Portanto, o arroz vermelho está longe de ser uma praga: é mais nutritivo, mais resistente e tem raízes com as comunidades rurais tradicionais. Mesmo assim, ele é um empecilho para o desenvolvimento da cultura do arroz branco, tornando-se uma praga do ponto de vista empresarial. Além disso, essa querela do arroz guarda em si a semente para uma luta fundamental na região: a luta pela água, pela terra e pela dignidade do pequeno produtor. A dignidade é o que se quer retirar do camponês quando se retira dele a fonte de seu sustento, a terra e a água.

Conclusão

Sempre que vai falar sobre a sua comunidade, Agnaldo Fernandes, atual presidente do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Apodi (STTRA), se refere ao Bamburral, comunidade também da região do Vale, como “o melhor lugar do mundo”. É importante ressaltar que essa afirmação não é feita

de forma abstrata e idílica. Esse lugar existe justamente porque é nele onde os agricultores podem encontrar a sua cultura camponesa e a dignidade dos homens e mulheres do campo. Como Neto disse em entrevista: “Se eu saio com a minha família daqui ou é pra roubar ou pra passar fome” (Francisco Edilson Neto, 2017).

A empresa RiceTec nunca se instalou na região do Vale, bem como as obras do Perímetro Irrigado Santa Cruz-Apodi nunca foram finalizadas. Porém, isso não significou uma pausa no avanço do agronegócio na região. Muitas empresas, como a Agrícola Famosa, estão chegando constantemente e se instalando na região da Chapada. O denominado “Projeto da Morte” é aquele que está aliado ao ideal de progresso capitalista, que prega um tipo de desenvolvimento descolado da natureza e que busca a maximização da produtividade para geração de riqueza com a promessa de melhoria de vida para todos. Esse desenvolvimento se afirma inexorável e tem como álibi a valorização da uma técnica que se prega como neutra. Como destaca Walter Benjamin em um dos trechos finais de seu livro *Rua de Mão Única*, um prenúncio da catástrofe que viria com a ascensão do nazismo:

[...] a técnica traiu a humanidade e transformou o leito de núpcias em um mar de sangue. Dominação da Natureza, assim ensinam os imperialistas, é o sentido de toda técnica. Quem, porém, confiaria em um mestre-escola que declarasse a dominação das crianças pelos adultos como sentido da educação? Não é a educação, antes de tudo, a indispensável ordenação da relação entre as gerações e, portanto, se se quer falar de dominação, a dominação das relações entre gerações, e não das crianças? E assim também a técnica não é dominação da Natureza: é dominação da relação entre Natureza e humanidade. Os homens como espécie estão, decerto, há milênios, no fim de sua evolução; mas a humanidade como espécie está no começo. Para ela organiza-se na técnica uma *physis* na qual seu contato com o cosmo se forma de modo novo e diferente do que em povos e famílias. (2012 p. 70-71).

A *physis* aqui é justamente o entendimento da natureza enquanto fonte de progresso e evolução. Uma construção histórica linear que busca silenciar todas as outras experiências de desenvolvimentos e saberes. Nesse sentido, os agricultores destinam às suas narrativas também o poder de suas resistências. Contando suas histórias e ressaltando o poder de seus modos de vida.

Dessa forma, eles constroem seus projetos de vida, em oposição a tudo aquilo que denominam projetos da morte. Sejam por retirarem suas terras, ou obstruírem seu acesso à água, seja por tentarem matar suas tradições e silenciar seus modos de vida. A disputa entre o arroz vermelho e o arroz branco também representa uma disputa no modelo de produção e de desenvolvimento. Ao salvaguardarem sua cultura, os agricultores também afirmam que outro tipo de

desenvolvimento é possível. Como destaca a estudiosa indiana Vandana Shiva “melhoria” e “valor” não são termos neutros, “são contextuais e determinados por um quadro de referências” (2003, p. 92).

Essa resistência é também uma teima cotidiana de mostrar que a agricultura familiar do pequeno produtor é viável. Que as suas formas de produzir também estão ligadas a elementos da cultura e da tradição. E que a luta contra o agronegócio não é somente uma escolha do tipo de cultura ou a forma de produção, mas uma luta pela sobrevivência e pelo alicerce da memória.

Referências

BENJAMIN, Walter. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 197-221. (Obras Escolhidas, v. 1).

_____. A caminho do planetário. In: _____. *Rua de mão única*. Tradução Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 2012. p. 63-65. (Obras Escolhidas, v. 2).

BEZERRA, Viviane Prado. Porque se nois não agir o pudê não sabe se nois isiste nu mundo: O MEB e o Dia do Senhor em Sobral (1960 - 1980). Sobral, CE: ECOA, 2014.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. 18. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

EMBRAPA. *As variedades de arroz vermelho brasileiras*. Teresina: Embrapa Meio-Norte, 2014. Disponível em: <<https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/infoteca/bitstream/doc/1009323/1/Doc229.pdf>>. Acesso em: 9 dez. 2020.

GOIS, Sarah Campelo Cruz. Narrativas de Água e Fogo: Atraso e Progresso na Chapada do Apodi. In: RIOS, Kênia Sousa (Org.) *História Oral e Natureza: Resistência e Cultura*. São Paulo: Letra e Voz, 2019. p. 75-94.

IDEMA. Perfil do seu município: Apodi. v. 10, p. 1-23. Natal, RN, 2008. Disponível em:<<http://adcon.rn.gov.br/ACERVO/idema/DOC/DOC00000000016659.PDF>>. Acesso em: 9 dez. 2020.

MAIA, Renata Catarina Costa. “Como se fosse o nosso sangue correndo nas veias”: A dimensão camponesa do direito à água a partir do conflito ambiental entre agronegócio e agricultura camponesa em Apodi (RN). Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) - UFC, Fortaleza, CE, 2016.

MOTTA, Márcia; ZARTH, Paulo (Org.). *História Social do Campesinato no Brasil*. São Paulo: UNESP, 2009.

MONTENEGRO, Antonio Torres. *História Oral e memória: a cultura popular revisitada*. São Paulo: Contexto, 1994.

PLOEG, Jan Douwe van der. *Camponeses e a arte da agricultura: um manifesto Chayanoviano*. São Paulo/Porto Alegre: Editora UNESP; Editora UFRGS, 2016.

PONTES, Andrezza Graziella Veríssimo. *Saúde do Trabalhador e Saúde Ambiental: Articulando Universidade, SUS e Movimentos Sociais em Território Rural*. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) – UFC, Fortaleza, CE, 2012.

PORTELLI. *A República dos sciusciià: A Roma do pós-guerra na memória dos meninos do Dom Bosco*. São Paulo: Editora Salesiana, 2004.

RIOS, Kênia Sousa. *Os usos da narrativa: escrita e oralidade*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2017.

SHIVA, Vandana. *Monoculturas da Mente: perspectiva da biodiversidade e da biotecnologia*. Tradução Dinah de Abreu Azevedo São Paulo: Gaia, 2003.

Fontes orais

BRILHANTE, Ivone [42 anos]. [out. 2017]. Entrevistadora: Sarah Campelo Cruz Gois. Apodi, RN, 18 out. 2017. 2 arquivos. MP3 (23 min.).

FERNANDES, Francisco Agnaldo de Oliveira [34 anos]. [set. 2017]. Entrevistadora: Sarah Campelo Cruz Gois. Apodi, RN, 27 set. 2017. 3 arquivos. MP3 (30 min.).

MORAES, Maria Vilma [56 anos]. [jul. 2018]. Entrevistadora: Sarah Campelo Cruz Gois. Apodi, RN, 25 jul. 2018. 3 arquivos. MP3 (29 min.).

NETO, Francisco Edilson [63 anos]. [out. 2017]. Entrevistadora: Sarah Campelo Cruz Gois. Apodi, RN, 17 out. 2017. 6 arquivos. MP3 (59 min.).

OLIVEIRA, Antônia Maria de Souza [out. 2017]. Entrevistadora: Sarah Campelo Cruz Gois. Apodi, RN, 16 out. 2017. 5 arquivos. MP3 (49 min.).

ROSÁRIO, Antônio Rodrigo do [62 anos]. [jan. 2018]. Entrevistadora: Sarah Campelo Cruz Gois. Apodi, RN, 30 jan. 2018. 7 arquivos. MP3 (62 min.).

NETO, Francisco Ademar [52 anos]. [ago. 2015]. Entrevistadora: Sarah Campelo Cruz Gois. Apodi, RN, 19 ago. 2015. 2 arquivos. MP3. Duração não disponível.

Resumo: O presente artigo é parte integrante de uma pesquisa mais ampla desenvolvida para a construção da minha tese. Seu intuito é evidenciar o debate sobre os impactos da chegada do agronegócio na região de Apodi, Rio Grande do Norte. Desde o início do século XXI, muitas empresas monocultoras começaram a se instalar nesse município. Todas essas transformações repercutiram diretamente na vida dos pequenos agricultores. Aqui analiso, especificamente, algumas entrevistas com os moradores das comunidades rurais, em dois aspectos: a discussão sobre a construção do Perímetro Irrigado Santa Cruz-Apodi; e o debate entre o cultivo do arroz vermelho, tradicional no município, e a possível chegada de uma empresa agroexportadora de arroz branco.

Palavras-chave: Agricultura. Arroz. Agronegócio. Camponeses. Narrativas.

The “death projects” in the narratives of farmers in western Rio Grande do Norte

Abstract: This article is part of a broader research developed during the elaboration of my thesis. Its aim is to start the debate on the impacts of the arrival of agribusiness in the region of Apodi, Rio Grande do Norte. Since the beginning of the 21st century, many monoculture companies have started to settle in this municipality. All these transformations had a direct impact on the lives of small farmers. Here I analyze, specifically, a series of interviews with the residents of rural communities, in two points: the discussion about the construction of the Irrigated Perimeter Santa Cruz-Apodi; the debate between the cultivation of red rice, traditional in the municipality, and the possible arrival of a white rice agro-export company.

Keywords: Agriculture. Rice. Agribusiness. Peasants. Narratives.

Recebido em 10/08/20

Aprovado em 29/10/20